



Anais I Simpósio de Gênero e Desigualdades: Vozes e pensamentos decoloniais e pós-coloniais

Corumbá (MS), Março de 2025



Organização

Vivian da Veiga Silva
Anderson Luís do Espírito Santo
Douglas Josiel Voks

Coleção Neisf Educacional 

Vivian da Veiga Silva
Anderson Luís do Espírito Santo
Douglas Josiel Voks
Organizadores

Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-coloniais
Anais do I Simpósio de Gênero e Desigualdades

Realização



Apoio Financieiro



Coleção Neisf Educacional

Copyright © by autores e NEISF

Direitos autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

Coordenação Editorial: Vivian da Veiga Silva

Edição, diagramação e revisão: Lenita Maria Bernardo Estra Mendes, Naitielly Soria de Moraes, Douglas Josiel Voks e Anderson Luís do Espírito Santo.

Ilustração da Capa: Hemilly Ariane de Arruda Moreira - @ilustra_hemilly

Comissão Organizadora do I Simpósio de Gênero e Desigualdades: Vivian da Veiga Silva; Anderson Luís do Espírito Santo; Douglas Josiel Voks; Paula Faustino Sampaio; Aparecido Francisco dos Reis; Losandro Antonio Tedeschi.

Comitê Científico do I Simpósio de Gênero e Desigualdades: Catia Paranhos Martins; Eliany Salvatierra Machado; Flávia Pedrosa de Camargo; Gabriel Luis Pereira Nolasco; Karina Bidaseca; Keith Diego Kurashige; Manuela Arruda dos Santos Nunes da Silva; Marisa de Fátima Lomba de Farias; Milton Augusto Pasquotto Mariani; Nathália Eberhardt Zieolkowski.

Núcleo de Estudos de Inovação Social da Fronteira (NEISF)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal
Avenida Rio Branco, 1270 UFMS/CPAN - Unidade 1, Bloco 10/J - Universitário,
CEP: 79.304-902 - Corumbá-MS.

Site: <https://obisfron.com.br/> Instagram: @neisf.ufms

E-mail: nucleoneisf@ufms.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Even3 Publicações, PE, Brasil)

A532 Simpósio de Gênero e Desigualdades: Vozes e pensamentos decoloniais e pós-coloniais (1.: 2025 : Corumbá, MS)

[Anais do]... I Simpósio de Gênero e Desigualdades: Vozes e pensamentos decoloniais e pós-coloniais [Recurso digital] / Organização de Vivian da Veiga Silva, Anderson Luís do Espírito Santo, Douglas Josiel Voks. – Corumbá: NEISF/OBISFRON/UFMS, 2025.

ISBN 978-65-272-1210-2

1. Gênero - Simpósio. 2. Desigualdade. 3. Diversidade. I. Núcleo de Estudos de Inovação Social da Fronteira (NEISF). II. Observatório de Inovação Social da Fronteira (OBISFRON). III. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

CDD 305



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



EPISTEMOLOGIA FEMINISTA: NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA

Aline Ramos Barbosa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), alinerbarbosa@gmail.com

INTRODUÇÃO

[...] Teorias sociais justificam ou contestam as ordens sociais vigentes. Dentro desse universo da teoria social, a teoria social crítica tanto explica quanto critica as desigualdades sociais vigentes com o olhar para a criação de possibilidades de mudança. Em outras palavras, teorias sociais críticas visam reformar o que está posto com a esperança de transformá-lo em algo diferente. (Collins, 2022, p. 17)

A sala de aula é um momento de encontro entre alteridades. Docentes e discentes ali se encontram para tentar elaborar o processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, é consenso que a educação é considerada como uma via de mão dupla, cujo principal acontecimento é o encontro entre os mundos de docentes e de discentes – assim sendo, quando se ensina, se aprende.

Ao mesmo tempo, o planejamento de uma aula é um projeto de pesquisa (ou projeto prático sobre a tentativa de tornar esse encontro de alteridade positivo, considerando as normativas que regulamentam esse processo de educação formal). Sendo assim, a preparação pedagógica do corpo docente diz respeito às elaborações de estratégias para o métier da profissão. Ou seja, se por um lado a sala de aula é a prática cotidiana de encontro entre dois mundos distintos, por outro, a preparação anterior envolve projetos, expectativas e planejamentos sobre as melhores táticas para a sala de aula.

Nesse sentido, tanto o bacharelado quanto a licenciatura em Ciências Sociais desempenham papéis essenciais para a formação do professor. O bacharelado proporciona a aquisição do raciocínio científico, fundamental para a elaboração do projeto de plano de aula. Já a licenciatura destaca a dimensão do “ser professor”, incorporando discussões pertinentes de outras áreas, como a psicologia da educação, estrutura e funcionamento do ensino, políticas públicas educacionais, didática etc. No entanto, por mais que uma habilitação possa ser complementar a outra, o que percebemos na história do Brasil é um favorecimento à formação em bacharelado e a ausência da obrigatoriedade da disciplina Sociologia no ensino médio.

Considerando a Sociologia no ensino médio, temos a obrigatoriedade conquistada recentemente (Parecer CNE/CEB 38/2006 e Lei n. 11.684/2008), porém, enfrenta atualmente desafios consideráveis devido à reforma proposta para o novo ensino médio. No entanto, é essencial considerar a análise de Moraes (2010), pois, ao contrário do argumento comum, a questão da obrigatoriedade ou não da Sociologia no ensino médio está mais diretamente associada à formação dos cursos de graduação em Ciências Sociais com enfoque em pesquisa



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



(bacharelado) e menos aos períodos democráticos ou de exceção democrática na história política do Brasil.

Embora, apesar da ausência de um interesse inicial em investimento nas licenciaturas em Ciências Sociais, a área da Sociologia criou em suas especialidades o debate sobre educação. Desta maneira a:

Sociologia da Educação se constitui a partir de modelos teóricos e metodológicos originados pela disciplina científica da Sociologia, em conexão com a área de Educação. Toma por objeto a educação, um fenômeno social amplo que costuma ser delimitado em sua ocorrência em sistemas formais de ensino. Por isso, historicamente, a Sociologia da Educação foca processos de escolarização e, contemporaneamente, avança na exploração de relações sociais em espaços educacionais não formais. (Brunetta *et al.*, 2020, p.389)

Sendo assim, a Sociologia da Educação tem uma perspectiva teórica e uma prática. Nessa área, discutem-se conceitos e teorias sobre educação em conexão com a sociedade. E é por meio da Sociologia da Educação que se obtém suporte para a formação de docentes em diversas áreas, incluindo os professores de Sociologia no ensino médio.

QUESTÕES TEÓRICAS DA SOCIOLOGIA – DO DEBATE CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO

A Sociologia nasce como ciência no século XIX. Embora reflexões sobre a sociedade já existissem anteriormente, foi apenas nesse período que essas ideias foram sistematizadas e elevadas ao status de ciência.

Comentadores sobre esse início da Sociologia Giddens (2008), Turner (2000) e Quintaneiro *et al.*, (2008), apontam para união de contextos históricos e intelectuais como: a revolução industrial que alterou drasticamente as relações sociais na Inglaterra e posteriormente no mundo, pelas alterações nas relações de trabalho e na sociabilidade dos indivíduos. As revoluções burguesas e o Iluminismo também alteram a percepção e as formas de conhecimento, considerando a razão como baliza para a produção de conhecimento humano.

Nesse aspecto, tornou-se inevitável que a categoria trabalho se apresentasse como essencial nas discussões sociológicas. Segundo Antunes (2009), a categoria trabalho ainda é central na formação da sociedade contemporânea. Dessa forma, as discussões relacionadas ao trabalho estão presentes nos autores que chamamos de clássicos da Sociologia tais como: Marx, Durkheim e Weber.

Durkheim relaciona diretamente a capacidade da sociedade de se manter unida com a divisão social do trabalho. Em outras palavras, para Durkheim, é a natureza do trabalho e sua distribuição na sociedade que determina a continuidade da convivência das pessoas em sociedade, devido ao tipo de solidariedade que elas desenvolvem entre si. Para sociedades mais



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



simples, a consciência é simples e o tipo de solidariedade é mecânico. Já para sociedades mais complexas, o tipo de consciência é complexo e a solidariedade é orgânica, visto que:

[...] A condensação da sociedade, ao multiplicar as relações intersociais, leva ao progresso da divisão social do trabalho. À medida que se acentua a divisão social do trabalho social, a solidariedade mecânica se reduz e é gradualmente substituída por uma nova: a *solidariedade orgânica ou derivada da divisão social do trabalho* [...] (Quintaneiro *et al.*, 2009, p. 80).

Dessa maneira, é possível afirmar que, sem o trabalho não haveria sociedade na forma como a conhecemos na modernidade. Weber também tem o trabalho e o capitalismo como temas importantes em seus estudos. Diferentemente de Marx que considera o acúmulo primitivo do capital como pedra fundamental para o surgimento e desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra, Weber considera também outras explicações, como a relação com a religião, ao indicar outra possibilidade além da interpretação materialista:

[...] complementando-a com outras vias de interpretação, nesse caso, a relação entre uma ética religiosa e os fenômenos econômicos e sociais, ou melhor, os tipos de conduta ou de modos de agir que possam ser mais favoráveis a certas formas de organização da esfera econômica e a uma ética econômica [...] (Quintaneiro *et al.*, 2009, p.137).

Marx, como mencionado acima, preocupa-se com a questão da história material do surgimento do capitalismo e analisa a história da sociedade através da perspectiva da luta de classes e do conflito como motor da história da humanidade. Mas, algo importante a destacar aqui é que os indivíduos não estão conscientes de que história, devido à conjuntura histórica e de fatores construídos socialmente que relegam os trabalhadores à alienação:

O fundamento da alienação, para Marx, encontra-se na atividade humana prática: o trabalho Marx faz referência principalmente às manifestações da alienação na sociedade capitalista. Segundo ele, o fato econômico é o “estranhamento entre trabalhador e sua produção” e seu resultado é o “trabalho alienado cindido” que se torna independente do produtor, hostil a ele, estranho, poderoso e que, ademais, pertence a outro homem que o subjuga – o que caracteriza uma relação social. (Quintaneiro *et al.*, 2009, p. 50)

Sendo assim, o trabalho é essencial para a explicação de Marx sobre a dinâmica da vida social. Além disso, a compreensão do processo de expropriação do trabalhador e a perspectiva de transição da classe-em-si para a classe-para-si, onde a consciência política possibilita a emancipação, são aspectos essenciais. É por meio dessa conscientização que a teoria marxista fundamenta suas posições políticas e elabora possibilidades de transformação no sistema capitalista.

Todavia, embora o pensamento cânones na Sociologia seja muitíssimo importante (Castro, 2022), e, por isso mesmo, tenha sido classificado como “clássico” e referência para quaisquer estudos em Sociologia, autores como Aníbal Quijano, Gayatri Spivak, Lélia Gonzalez, Silvia Federici, María Lugones e Carla Akotirene nos fornecem elementos teóricos para entendimento de outras questões e, quiçá, podem servir de base para um novo recorte



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



epistemológico dentro da Sociologia produzida fora do eixo cânone ocidental europeu, com reflexões não-brancas e não-ocidentais, que partem da história dos povos colonizados e de suas realidades concretas distintas das já discutidas pelos autores clássicos.

Considerando o aspecto teórico e prático da Sociologia, como supracitado, podemos pensar as desigualdades sociais e os demarcadores sociais da diferença como elementos que podem ser adicionados positivamente no encontro de alteridades que é a sala de aula. Na presente reflexão, abordaremos as relações de poder na construção do conhecimento e, diante de uma perspectiva que reconhece a não-neutralidade da ciência e da prática educacional, e como podemos positivar as diferenças e o diálogo entre as realidades por vezes díspares entre docentes e discentes.

QUESTÃO RACIAL E PERSPECTIVA DECOLONIAL

A modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (Giddens, 1991, p. 11). Dessa maneira, assim como o capitalismo e as relações de trabalho, a Sociologia debruça-se sobre a modernidade e seus efeitos. Juntamente com as mudanças ocorridas na Europa durante as revoluções burguesas – Revoluções Inglesas do século XVII, Revolução Francesa e Revolução industrial – a formação dos Estado-nação possibilitou a empresa das grandes navegações, cuja consequência imediata foi o contato com novos povos e a exploração de metais preciosos nas Américas. Isso resulta em dois desdobramentos importantes para nossa discussão aqui: a produção de conhecimento sobre esses novos povos, com o objetivo de subjugá-los; e o acúmulo primitivo do capital, que financiou a revolução industrial, a princípio, circunscrita à Inglaterra.

O conhecimento sobre os novos povos começou a ser construído diante de uma perspectiva eurocêntrica e com justificativas que adicionaram às relações de dominação a justificativa racial:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus [...]. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (Quijano, 2005, p. 107-108)

Dessa maneira, na divisão social do trabalho e nas relações trabalhistas do início do capitalismo, a raça passou a ser um elemento determinante para o local que o trabalhador ocuparia e qual seria a sua legitimidade em receber salário e melhores condições de trabalho. A princípio, os indígenas foram escravizados e depois a mão-de-obra escrava negra compôs o



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



plantation, principal forma de estruturação da sociedade e economia na América Espanhola e Portuguesa, como colônias de exploração.

Essas relações de trabalho, exploração, raça foram articuladas e produziram identidades que se tornaram mundiais:

No curso da expansão mundial da dominação colonial por parte da mesma raça dominantes – os brancos (ou do século XVIII em diante, os europeus) – foi imposto o mesmo critério de classificação social a toda a população mundial em escala global. Conseqüentemente, novas identidades históricas e sociais foram produzidas: amarelos e azeitonados (ou oliváceos) somaram-se a brancos, índios, negros e mestiços. Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial. (Quijano, 2005, p. 108-109)

E outras formas de controle foram desenvolvidas:

Assim, cada forma de controle do trabalho esteve articulada com uma raça particular. Conseqüentemente, o controle de uma forma específica de trabalho podia ser ao mesmo tempo um controle de um grupo específico de gente dominada. Uma nova tecnologia de dominação/exploração, neste caso raça/trabalho, articulou-se de maneira que aparecesse como naturalmente associada, o que, até o momento, tem sido excepcionalmente bem-sucedido. (Quijano, 2005, p. 109)

Contudo, essa reflexão foi possível apenas do ponto de vista do pensamento dentro do mundo colonizado pelos europeus. Essa perspectiva se revela como um esforço de construção de uma história e explicações teóricas próprias dos povos colonizados e explorados, também como uma forma de resistência à colonização, que se mostrou também uma forma de impor cultura, dinâmicas e formas de conhecimento produzidas no além-mar – ou seja, uma perspectiva decolonial.

FEMINISMO COMO UMA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA

Além das questões ligadas à perspectiva dos povos colonizados, podemos adicionar à discussão sobre o trabalho e modernidade a presença das mulheres e como suas histórias foram silenciadas, não sendo consideradas em suas particularidades em relação ao trabalho. Segundo Spivak, é necessário nos atentarmos em como as narrativas históricas são construídas:

Como as narrativas históricas são construídas? Para se conseguir algo parecido com uma resposta a essa pergunta, farei uso das noções de escritura e de leitura em seu sentido mais geral. Produzimos narrativas e explicações históricas transformando o *socius*, onde nossa produção é escrita, em bits – mais ou menos contínuos e controlados – que são legíveis. Como essas leituras emergem e qual delas será legitimada são questões que têm implicações políticas em todos os níveis possíveis. (Spivak, 2019, p. 251-252)



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



Como os clássicos nos ensinam, sobretudo Weber em sua discussão sobre a neutralidade científica e sua abordagem metodológica de tipos ideais – os temas e conceitos em Sociologia são recortes que os autores fazem da realidade, eles não existem por si próprios. Dessa maneira, para Spivak (2019), a relação de poder é importantíssima na construção de teorias, uma vez que:

Esquecemos, para nosso próprio prejuízo, que deslocamos do pré-texto a escritura de nosso desejo de legitimação, a qual só se pode alcançar sendo “nominalista, sem dúvida: o poder não é uma instituição, não é uma estrutura; tampouco é certa força com a aquela alguém é investido; ele é o nome que se dá a uma complexa situação estratégica em uma sociedade específica” para que essa escritura possa ser lida. (Spivak, 2019, p. 252-253)

E, assim sendo, é possível analisar que o recorte de classe é tão abstrato – ou mais, conforme Spivak (2019) – do que qualquer outro recorte analítico da sociedade:

De todos os instrumentos para se desenvolver histórias alternativas – gênero, raça, etnicidade e classe –, este último com certeza é o mais abstrato. Apenas quando nos esquecemos disso podemos descartar a análise de classes como essencialista. (Spivak, 2019, p. 253)

Cabe, então, a reflexão: quais as relações de poder estão intrínsecas nas concepções canônicas da Sociologia? Seria possível um outro tipo de produção que leve em consideração as experiências locais, a autoria feminina e, dessa maneira, uma nova guinada epistemológica também com o feminismo branco ocidental (Paredes, 2020)? A hipótese aqui debatida é que as mudanças sociais se tornaram tão diversas que para a Sociologia abarcar parte da realidade, é necessário que ela se afaste do cânone e direcione seu olhar também para uma produção feminista e decolonial.

INTERSECCIONALIDADE E EDUCAÇÃO

Segundo a análise de Patrícia Hill Collins, depois de alguns acontecimentos na história recente como o final da Guerra Fria, a derrota do *apartheid* na África, o movimento global de mulheres e o engajamento pelos direitos civis em democracias multiculturais, houve uma onda de esperança sobre algo melhor. E a perspectiva em relação à compreensão das conexões e relações complexas entre pessoas passou por transformações significativas devido à influência da interseccionalidade:

[...] como discurso, a interseccionalidade agrupa ideias oriundas de lugares, tempos e perspectivas distintas, possibilitando que pessoas compartilhem pontos de vista outrora proibidos, ilegais ou simplesmente ocultados. No entanto, como ideias por si só não promovem mudanças sociais, a interseccionalidade não é apenas um conjunto delas. Acima de tudo, por se referirem à ação social, as ideias da interseccionalidade têm consequências no mundo social” (Collins, 2022, p. 14).



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



Dessa maneira, considerando a interseccionalidade como teoria social crítica – fazendo alusão à epígrafe deste capítulo – a interseccionalidade tem impacto na maneira de explicar o mundo e também na forma como se intervém no mundo. Assim sendo, a sala de aula e o espaço da educação podem ser um ambiente privilegiado para a práxis interseccional, dado que é reconhecida a importância de promover o encontro entre alteridades oriundas de diversas realidades sociais e caracterizadas por diversos marcadores sociais da diferença.

De acordo com Bel Hooks (2017), a pedagogia pode ser engajada e a educação precisa ser entendida como uma “prática da liberdade”. Sendo assim, a autora dialoga com Paulo Freire, na tentativa de pensar a educação como algo alternativo à “educação bancária”, definida por Paulo Freire e utilizada por Bel Hooks.

Considerando ainda o argumento inicial deste texto de que o encontro em sala de aula é um encontro de alteridades, pensar nas realidades do corpo discente como maneira de incorporar as experiências de trajetórias distintas no processo de ensino-aprendizagem é fundamental para que essa prática seja exitosa.

Como discutido acima, outras formas além da canônica nas Ciências Sociais podem contribuir para uma nova maneira de enxergar o mundo e, diante disso, de produzir o conhecimento. Visando assim, uma valorização de conhecimento também produzido por subalternos, classes trabalhadoras, negros, indígenas, mulheres e toda diversidade de sujeitos que resistem fora do padrão homem-branco-cis-hétero-rico.

Como lócus de encontro de alteridades, a sala de aula necessita reconhecer outras formas de produção de conhecimento e, dessa forma, a Sociologia no ensino médio tem como objetivo a formação crítica e cidadã do estudante. Ao passo que a Sociologia da Educação pode fornecer recursos para a problematização das desigualdades sociais e das formas de conhecimento, transformando-se também em uma prática educativa que amplia seus horizontes para além do cânone.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais – coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANZALDÚA, G. “**La conciencia de la mestiza/Rumo uma nova consciência**”. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P. (Org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.



Gênero e Desigualdades

1º Simpósio de Gênero e Desigualdades:
Vozes e Pensamentos Decoloniais e Pós-Coloniais

Corumbá
12 a 14
Março
2025

Realização



Parceiros



Apoio



CASTRO, C. (Org.). **Além do cânone**: para ampliar e diversificar as ciências sociais. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**: interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GONZALEZ, L. **“Racismo e sexismo na cultura brasileira”**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LUGONES, M. **“Rumo a um feminismo decolonial”**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Sociologia**: ensino médio. Secretaria de Educação Básica. Coordenação Amaury César Moraes. Coleção Explorando o Ensino, v. 15. Brasília: 2010.

PAREDES, J. **“Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental”**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

QUIJANO, A. **“Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”**. Colección Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUINTANEIRO, T. *et al.* **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SPIVAK, G. **“Quem reivindica a alteridade?”**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

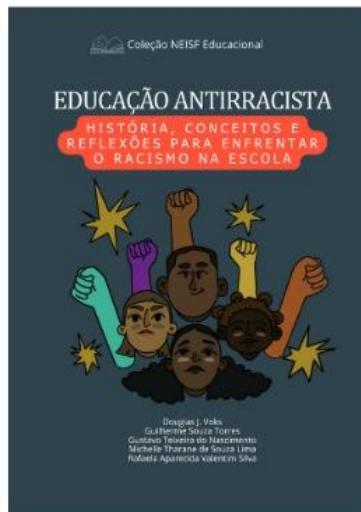
TURNER, J. H. **Sociologia**: conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books, 2000.

Conheça outras obras do Núcleo de Estudos da Fronteira - NEISF e do Observatório de Inovação Social da Fronteira - OBISFRON. Todas podem ser acessadas digitalmente escaneando o Qrcode.



Tecendo Diálogos Entre Bem Viver e Inovação Social

Organizadores
Vivian da Veiga Silva
Anderson Luis do Espírito Santo
Douglas J. Volsk



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA HISTÓRIA, CONCEITOS E REFLEXÕES PARA ENFRENTAR O RACISMO NA ESCOLA

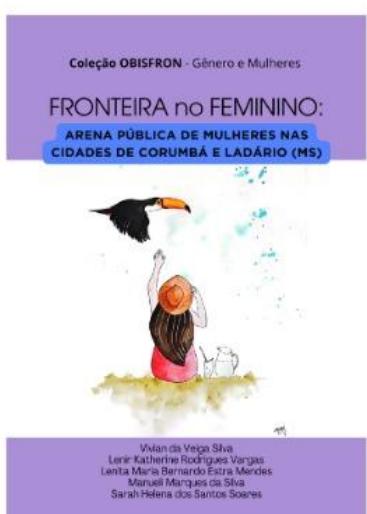


Douglas J. Volsk
Gathérine Souza Torres
Giovanna de Souza
Michelle Thorrane de Souza Lima
Rafaella Aparecida Valentein Silva



Colaboradores Não Mexa Na Minha Merenda: Avaliação da Alimentação Escolar sob a ótica das Crianças e Adolescentes de Corumbá/MS

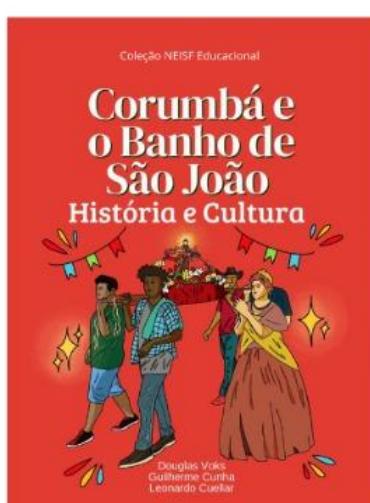
Anderson Luis do Espírito Santo
Nathely Soárez de Morais
Douglas J. Volsk



Coleção OBISFRON - Gênero e Mulheres FRONTEIRA no FEMININO: ARENA PÚBLICA DE MULHERES NAS CIDADES DE CORUMBÁ E LADÁRIO (MS)



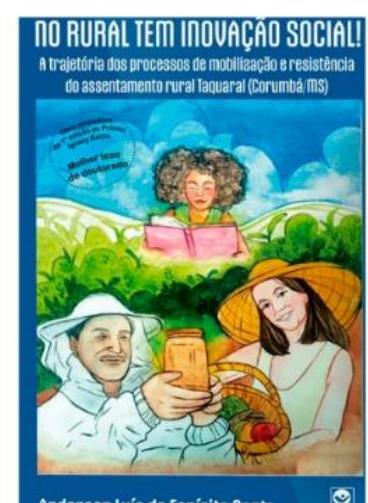
Vivian da Veiga Silva
Léna Katherine Rodrigues Vargas
Lenta Maria Bernardo Estra Mendes
Manoeli Marques da Silva
Sarah Helena dos Santos Soárez



Corumbá e o Banho de São João História e Cultura



Douglas Volsk
Gathérine Cunha
Leonardo Cuelkar



NO RURAL TEM INOVAÇÃO SOCIAL! A trajetória dos processos de mobilização e resistência do assentamento rural Taquaral (Corumbá/MS)



Anderson Luis do Espírito Santo



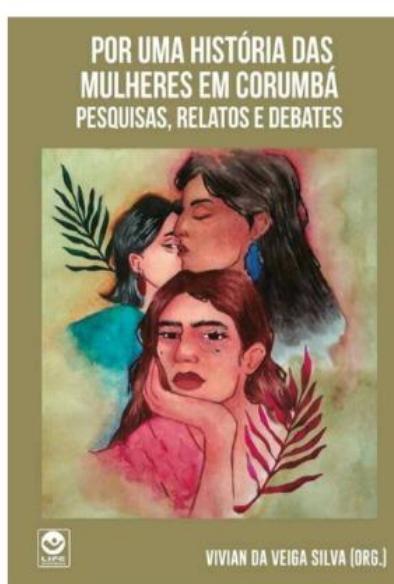
Como podemos cultivar o Bem Viver nas cidades da América Latina através das inovações sociais?

Anais do ELABVIS - Corumbá (MS), Maio de 2024



Organização

Anderson Luis do Espírito Santo
Douglas J. Volsk
Vivian da Veiga Silva



POR UMA HISTÓRIA DAS MULHERES EM CORUMBÁ PESQUISAS, RELATOS E DEBATES



VIVIAN DA VEIGA SILVA (ORG.)





Gênero e Desigualdades

O presente e-book reúne 40 trabalhos apresentados durante a realização dos 07 Grupos Temáticos que integraram o evento. As pesquisadoras e os pesquisadores aqui reunidos apresentaram diferentes debates acerca das múltiplas desigualdades que afetam as populações vulnerabilizadas na nossa sociedade, partindo das áreas temáticas propostas pelas coordenadoras e pelos coordenadores dos Grupos Temáticos: corpo e saúde, estudos fronteiriços, gênero, mulheres, feminismos, psicologia, relações étnico-raciais e estudos decoloniais/pós-coloniais.

